

AS CONSEQUÊNCIAS DO USO INDISCRIMINADO DE TIPOS DE CONTROLE NO CONTEXTO ESCOLAR

Aline Raquel Oliveira
Giordano Bruno de Oliveira Barbosa
Carolina Laurenti

Introdução

De acordo com a Análise do Comportamento, o comportamento pode ser entendido como uma relação entre indivíduo e seu contexto natural e social. Essa relação é explicada considerando três aspectos: a situação em que a ação ocorre, a própria ação, e as consequências produzidas por ela (Skinner, 1969). Esses três aspectos configuram uma relação de interdependência funcional ou, em outras palavras, uma relação de controle: a ação é influenciada pela situação antecedente em função das consequências produzidas pela própria ação. Nessa relação de controle (isto é, de interdependência funcional), Skinner (2007) dá um destaque especial às consequências. Há quatro tipos de relações controladoras entre ação e consequência: reforçamento positivo, reforçamento negativo, punição tipo I e punição tipo II. No caso do reforçamento, as consequências aumentam a probabilidade de ocorrência de um tipo de ação pela apresentação de um evento apetitivo (reforçamento positivo) ou pela retirada de um evento aversivo (reforçamento negativo) do ambiente. Já o processo de punição diminui, temporariamente, a probabilidade de ocorrência de um tipo de ação pela apresentação de um estímulo aversivo (punição tipo I) ou pela retirada de um reforçador positivo (punição tipo II). De acordo com Sidman (2003), o reforçamento negativo e a punição configuram um controle coercitivo do comportamento. Embora muito utilizado, esse tipo de controle gera efeitos colaterais prejudiciais ao indivíduo e à sociedade, tais como: ansiedade, medo, fobias, apatia, depressão, revolta, agressão, suicídio e violência.

Como alternativa ao controle coercitivo, Sidman (2003) propõe que as pessoas pautem suas relações pelo reforçamento positivo aliado a não apresentação de consequências reforçadoras (extinção) a comportamentos indesejáveis. Diferente da coerção, o controle por reforçamento positivo pode fortalecer comportamentos produzindo, colateralmente ao aumento na probabilidade, sentimentos de felicidade, autoestima e autoconfiança. No entanto, o próprio Skinner (1971) mostra que o reforçamento positivo não pode ser considerado a panacéia para todos os males sociais, pois quando empregado de maneira incorreta, pode

engendrar escravidão, exploração, subjugação, e manter comportamentos inadequados do ponto de vista das relações sociais, gerando pessoas "mimadas", desrespeitosas, intolerantes às dificuldades da vida, e assim por diante.

Tendo em vista que esses tipos controle estão presentes em todas as esferas da sociedade, a presente pesquisa examinou como se dão essas relações no contexto escolar, esclarecendo suas consequências para a relação professor-aluno.

Objetivos

Geral

Delimitar estratégias para redução de comportamentos “indesejáveis” dos alunos no contexto de sala de aula.

Específicos

- Operacionalizar comportamentos “indesejáveis” dos alunos.
- Descrever os principais tipos de controle que caracterizam a relação professor-aluno no contexto de sala de aula.
- Discutir as consequências desses tipos de controle para a relação professor-aluno nas situações de ensino-aprendizagem.

Metodologia

Local e Participantes

A pesquisa foi realizada nas dependências da Universidade Estadual de Maringá com 4 estagiárias do curso de pedagogia e letras que lecionam no PROPAE (Programa Interdisciplinar de Pesquisa e Apoio à Excepcionalidade).

Materiais e Instrumentos

Os materiais utilizados foram canetas, papéis, lápis e um gravador, e como instrumentos, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e entrevistas semi-estruturadas.

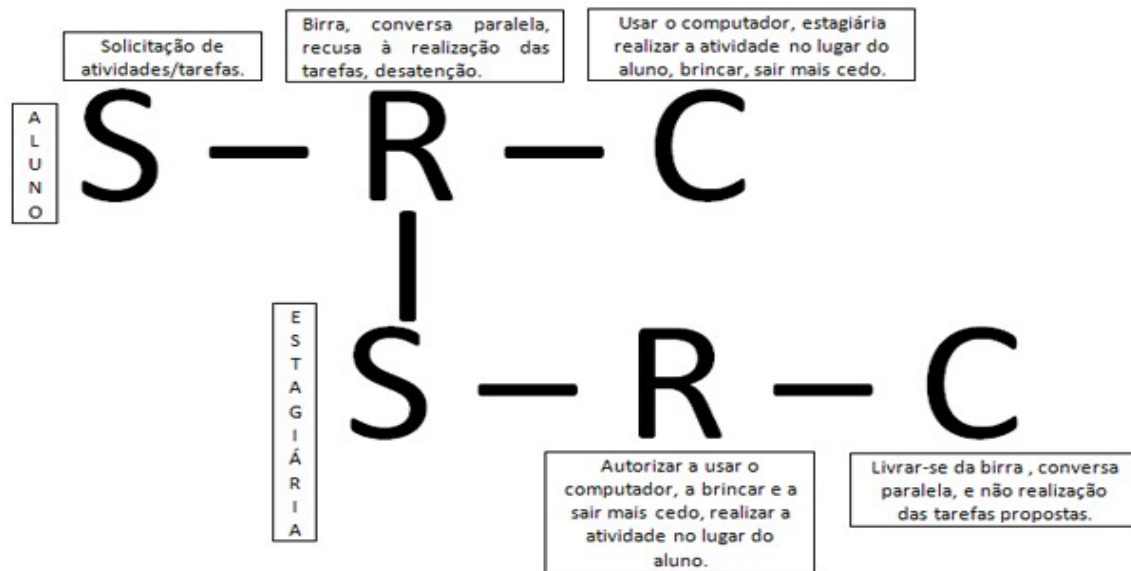
Procedimento

A obtenção dos dados se deu por meio da realização de sete etapas, a saber:

- I) Entrevista inicial: levantamento de hipóteses sobre as dificuldades enfrentadas pelas estagiárias na relação com os alunos na tentativa de operacionalizar, em termos de contingência tríplice, comportamentos “indesejáveis”;
- II) 1º observação da relação professor-aluno no contexto de sala de aula: caracterização das relações controladoras entre aluno-estagiárias;
- (III) 1º encontro dos pesquisadores com as estagiárias: exposição seguida de debate de conceitos como coerção, reforço negativo e positivo; vantagens e desvantagens de seus respectivos usos; sentimentos que acompanham esses tipos de controle;
- (IV) 2º observação da relação professor-aluno: verificação de possíveis mudanças nas estratégias de controle dos comportamentos “indesejáveis” dos alunos por parte das estagiárias;
- (V) 2º encontro das estagiárias com os pesquisadores: discussão de propostas de aplicação da Análise do Comportamento para o ambiente escolar, complementando os temas já tratados no 1º encontro;
- (VI) 3º observação no contexto de sala de aula: verificação de possíveis mudanças nas estratégias de controle dos comportamentos “indesejáveis” dos alunos por parte das estagiárias;
- (VII) Entrevista final: avaliação por parte das estagiárias da eficácia dos encontros.

Resultados e discussões

Os resultados obtidos por meio da análise funcional da interação aluno-estagiárias podem ser representados no seguinte esquema:



As estagiárias, sensíveis à história de fracasso escolar dos alunos, raramente se valiam da coerção como forma de controle do comportamento inadequado do aluno, empregando o reforçamento positivo. Não obstante, reforçavam positivamente os próprios comportamentos inadequados dos alunos Paralelamente ao fortalecimento dessa classe de respostas, parecem ter surgido por parte dos alunos sentimentos de desprezo, antipatia e indiferença em relação às estagiárias. Essa situação aversiva aumentava a probabilidade de as estagiárias realizarem as tarefas para os alunos, além de aceder, de modo incondicional, aos pedidos deles. Essa classe de respostas emitidas pelas estagiárias parece ter a função de fuga/esquiva da situação aversiva, caracterizada pelas frequentes recusas e desrespeito por parte dos alunos. Tendo em vista essas relações de controle, os encontros com as estagiárias discutiram não só os efeitos colaterais da coerção, mas também os efeitos indesejáveis do emprego indiscriminado do reforçamento positivo. Valendo-se de exemplos extraídos de situações cotidianas e do próprio contexto de aula das estagiárias, os pesquisadores davam modelos de como apresentar reforço contingente ao comportamento adequado do aluno, e de não apresentar consequências reforçadoras positivas ao comportamento inadequado.

Com base nas observações da interação aluno-estagiárias no contexto de sala de aula após os encontros, e da análise dos relatos das estagiárias na entrevista final, é possível afirmar que houve uma menor incidência de comportamentos indesejáveis por parte dos alunos. Com isso, ampliou-se a possibilidade de construção de relações menos hostis para as

estagiárias, e mais significativas para os alunos na situação de ensino-aprendizagem.

Conclusão

O presente trabalho pôde contribuir com o estabelecimento de um diálogo virtuoso entre Análise do Comportamento e Educação Escolar ao tentar esclarecer possíveis relações controladoras da interação professor-aluno, e suas consequências para o processo de ensino-aprendizagem.

Uma relevante constatação, a qual pode auxiliar pesquisas ulteriores, é que a coerção não é a única forma de controle que deve ser vista com cautela, devido aos seus efeitos colaterais. O emprego indiscriminado do reforçamento positivo também pode sustentar relações entre aluno e professores que comprometem o processo de ensino-aprendizagem. A saída não parece ser recorrer à coerção, mas investir em estratégias que possam minimizar os efeitos indesejáveis do controle por reforçamento positivo.

Referências

Hübner, M. M. C. (2005). O Skinner que poucos conhecem: contribuições do autor para um mundo melhor, com ênfase na relação professor-aluno. *Revista de Educação Continuada Momento do Professor*, 2(4), 44-49.

Sidman, M. (2003). *Coerção e suas implicações* (M. A Andery & T. M. Sério, trads.). Campinas: Livro Pleno.

Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1972). *Tecnologia do ensino* (R. Azzi, trad.). São Paulo: EPU. (Texto original publicado em 1968)

Skinner, B. F. (2007). *Ciência e comportamento humano* (J. C., Todorov & R. Azzi, trads.) São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1953)

Whaley, D. L., & Malott, R. W. (1971). *Elementary principles of behavior* (1st ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.